



“O Amparo do sexo frágil”: a construção do corpo feminino no Almanaque d’ A Saude da Mulher na década de 1930.

Autora (1); Ana Karoline Lima de Moraes Orientadora (2); Jussara Natália Moreira Beléns
(1);Universidade Estadual da Paraíba, analima2.ak@hmail.com, (2)Universidade Estadual da Paraíba
jussarabelens@gmail.com

Resumo do artigo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento que tem como fonte documental o almanaque de farmácia d’A Saude da Mulher, periódico de grande difusão nacional durante o século XX. Uma fonte documental que registra os conhecimentos médicos/científicos construídos nos séculos XVIII e XIX sobre corpo o feminino e os tipos de feminilidades idealizados para este período histórico. Assim, analisamos a construção dos corpos femininos no Almanaque d’A Saude da Mulher na década de 1930, por terem sido criados com um saber próprio, portadores de uma biologia naturalmente patológica. Neste trabalho, desvelamos os discursos difundidos por este periódico sobre o corpo feminino que atravessam questões como a maternidade, a beleza, a sociedade, a família e etc. E, neste sentido, leva-se em consideração o aspecto político em que o gênero foi pensando neste período histórico, onde a nacionalidade, a população eram motivadores para uma política sexista de proteção e medicalização do corpo social. Discursos significados por um projeto de construção de uma unidade nacional, gestada por um corpo feminino saudável, produtora de indivíduos fortes e nutridos. O corpo feminino foi agenciado como ponto chave, sobretudo para gerar indivíduos saudáveis para a nação e manter seguro o corpo social e suas principais instituições. Para isso, nos apoiamos nas reflexões de Michel Foucault sobre saber e poder e sua articulação dentro de uma ordem discursiva que constrói os indivíduos de quem fala , os estudos de Fabíola Rohden a respeito da constituição de uma medicina da mulher no Brasil, assim como as contribuições de Judith Butler para pensar o conceito de gênero e sua fluidez, dentre outros/as autores/as de singular importância.

Palavras-chave: ALMANAQUES. GÊNERO. SAUDE.

Introdução

Durante grande parte do século XX, os almanaques de farmácia destacaram-se enquanto um importante veículo de ideias científicas e populares. Datando da Idade Média, essas publicações foram fundamentais para a difusão de princípios de modernidade no país (PARK, 1998). Além disso, nos almanaques podemos observar os conhecimentos científicos colocados em uma linguagem acessível para as camadas populares difundindo, assim, as ideias de higiene e saúde características das convicções científicas do século XIX e início do século XX.

O “Almanach d’a Saúde da Mulher”, um dos impressos mais populares do país, no início do século XX teve as suas primeiras publicações datadas nos anos de 1906 e encerrando-as em 1974, seu objetivo era divulgar a eficácia do medicamento Saúde da mulher que, inicialmente tinha como veículo de propaganda revistas como “Careta” e “A Lua” (CASA NOVA, 1996). As edições deste periódico de ampla difusão social chegaram à tiragem de 1.500.00 exemplares (BUENO, 2008).

Este folheto de circulação nacional contava com propagandas dos remédios do laboratório Daudt e com outros conteúdos como horóscopos, entretenimento, calendário nacional de festas religiosas etc. Como aponta Vera Casa Nova (1996), a publicidade no almanaque alcançou níveis significativos, sobretudo de acesso ao público, chegando a alcançar vastas regiões do país.

Levando-se em conta tais fatores, buscamos refletir como é pensando o corpo feminino dentro do almanaque, analisando, sobretudo, a patologização deste corpo a partir do aparato do discurso médico-científico-farmacêutico principalmente dos séculos XIX e XX, pois, como nos mostra Vera Casa Nova “Como a história, a ciência do almanaque é inseparável de uma certa forma de representação: ciência enquanto visão do progresso da humanidade, signo de atualidade e saber,” (CASA NOVA, 1996). Sendo assim, o almanaque a partir da sua característica de difundir o conhecimento científico dentro do meio social ganha grande destaque a partir do seu lugar na construção de feminilidades enquanto universais e fixas.

Para pensar a importância que os almanaques adquiriram no Brasil se faz presente também a necessidade de observarmos o valor que o conhecimento científico adquire na sociedade oitocentista. Esse exercício de reflexão pode ser encontrado em toda a obra do filósofo Michel Foucault, especialmente em seu livro “História da sexualidade I: a vontade de saber” (2015). Procurando historicizar as práticas científicas e o próprio conceito de verdade, mostrando-o como historicamente construído, o autor ampliou o campo de visibilidade de diversos cientistas sociais. Como aponta Michelle Perrot (2015), mesmo Foucault não tendo trabalhado diretamente com o conceito de gênero, as suas contribuições forneceram as bases para trabalhos posteriores relacionados ao tema. Pensando sobre a intervenção científica nos corpos, Foucault nos fornece bases conceituais para levarmos adiante tais estudos.

Como mostra o autor supracitado, e outros/as aqui referenciados/as, o conhecimento pautado na cientificidade adquire o caráter de verdade absoluta, como coloca Lilia Moritz Schwarcz: “a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades” (Schwarcz, 1993, p. 38). Desta forma, pensar a relação entre o conhecimento científico e as questões relativas ao gênero torna-se vital para compreendermos a historicidade de fatores considerados naturais por serem pautados na biologia e na medicina. Partindo das contribuições de Judith Butler para quem “o sexo já nasce gênero” (2015), analisaremos as tiragens do “Almanach d’a Saúde da Mulher”, na década de

1930, levando em consideração que as pesquisas científicas e a aplicação destas pesquisas na sociedade já aparecem enquanto “verdades” sobre os sexos demonstrando como o discurso constrói o sujeito de que fala. Além disso, tal autora será importante para analisarmos o gênero não enquanto falso ou verdadeiro, mas performativamente construído com base em um real inexistente, ou seja, os lugares sociais atribuídos aos gêneros são baseados em concepções “originais” ou “essenciais” inexistentes, pois foram historicamente criadas, mostrando como tal contribuição, juntamente com outras, vem colaborando para o que Stuart Hall chamou de descentramento do sujeito” (2015).

Metodologia

Para analisarmos os almanaques é imprescindível levar em considerações seu contexto histórico específico assim como o contexto histórico do discurso científico no qual ele se apoia, sendo assim, como aponta José Assunção de Barros (2014) “Nas Ciências Humanas, que sempre almejam produzir como resultado uma reflexão fundamentada sobre a realidade social, a Teoria e a Metodologia são gêmeas mais siamesas que nunca” (REIS, 2014, pg. 77), como mostra a perspectiva do autor, embora diferentes teoria e metodologia caminham juntas. Dito isto, compreendemos que a partir do nosso objeto e do nosso modo de vê-lo- ou de nossa teoria-, a partir das contribuições de conceitos foucaultianos como o poder e saber, entendemos a análise do discurso, a partir da concepção também foucaultiana, como a metodologia que mais se encaixa com a nossa pesquisa.

Estudando o conceito de representação, Stuart Hall aponta que mesmo Foucault não trabalhando com tal conceito, suas contribuições acerca do conceito de discurso foram significativas para reformulá-lo. Hall traz contribuições importantes para pensarmos o conceito de discurso, voltando o olhar para o campo de sua análise - não apenas o da linguagem- Foucault, como mostra Hall, ampliou o campo de análise ligando o conceito de discurso a outros conceitos expressivos dentro de sua obra, o de saber e poder. Segundo o autor:

[...] também é importante notar que em certos momentos históricos algumas pessoas têm mais poder para falar sobre determinados assuntos do que outras (médicos homens sobre as pacientes loucas no fim do século XIX, por exemplo, para pegar um dos exemplos-chaves desenvolvidos na obra de Michel Foucault). Modelos de representação, argumentaram esses críticos, devem focar nesses aspectos amplos de conhecimento de poder. (HALL, 2016, pg. 78).

Como coloca o próprio Foucault:



É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos (FOUCAULT, 2014, pg. 34).

Portanto, compreendemos que os discursos interagem com uma regularidade onde saber e poder se articulam estabelecendo uma verdade e, além disso, que para estar inserido dentro de tal regularidade é necessário seguir regras determinadas a respeito do que falar e como falar e onde falar. Assim como o poder na obra de Foucault o discurso não possui um centro ou um sujeito fundador fonte de todo o significado. Análise do discurso está, pois, ligada a relação entre poder e saber e como encontra-se e constrói-se o sujeito dentro de tal relação.

Assim, verificamos que ao analisarmos os almanaques observando e inserindo-os em uma ordem discursiva constituída entre os séculos XVIII e XIX que legitimava o discurso científico ao passo que este legitimava o discurso do almanaque- estando ambos no interior de uma mesma formação discursiva- podemos perceber relações entre poder e saber dentro dos periódicos que validavam sua visão em torno do corpo feminino. Além disso, é possível observarmos como tal corpo é construído no interior de tal discurso, influenciando as práticas de regulação dos mesmos.

A necessidade de uma saúde da mulher

O discurso médico-científico no qual o almanaque se sustenta tem sua gênese marcada entre os séculos XVII e XIX (FOUCAULT, 2015), nos séculos anteriores tínhamos um saber em que colocava o parâmetro universal o corpo masculino- onde a genitália e os órgãos reprodutores femininos seriam iguais ao do homem apenas internamente organizados - a partir do século XIX haverá a ênfase na diferenciação dos corpos, o que Fabíola Rohden coloca como uma “ciência da diferença” (2001), marcará as peculiaridades dos corpos colocando-os como opostos. O que a autora destaca é que, embora os corpos sejam diferenciados, apenas o feminino será amplamente estudado surgindo em torno deste, saberes médicos que os clássica como inferiores e patológicos. Algumas questões podem ser elencadas de acordo com estas informações, por exemplo; qual o motivo dos corpos femininos terem sido tão evidenciados principalmente a partir do século XIX? Quais questões estão relacionadas com tal evidenciação? E em quê resultou esta grande colocação do corpo feminino dentro do discurso médico científico?

No Brasil, este “boom” no pensamento científico e médico nacional ocorre, como aponta Schwarcz (1993), na década de 1870, a partir

desta década a autora nos mostra que emerge um conhecimento científico brasileiro institucionalizado que se encarregará das produções nacionais, não deixando de levar em conta teóricos europeus e norte-americanos. Ao analisar as pesquisas produzidas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no século XIX, Rohden (2001), observa que as atenções dos médicos não se voltaram de maneira semelhante para os sexos, o sexo feminino será marcado e amplamente mais estudado que o masculino desenvolvendo-se desses estudos dois tipos de saberes médicos sobre o corpo da mulher sendo esses a obstetrícia e a ginecologia. Tendo como pressuposto a diferença radical entre os corpos sexuados, esses saberes procuraram estudar o corpo feminino e, principalmente, de sua predisposição a patologia, esse fator será principalmente estudado pela ginecologia que, como destaca Fabíola Rohden (2001), se destacará enquanto saber mais fundamental em relação ao corpo feminino, não que a reprodução fosse menos importante, mas antes de tudo, era necessário cuidar das disfunções “naturais” do corpo feminino antes deste corpo cumprir suas obrigações delegadas pela natureza.

O alvo principal dos estudos da ginecologia foram os órgãos genitais femininos e, principalmente, os mistérios que envolviam a menstruação -esta entendida como desestruturante não só da saúde física, mas mental- pois partiria destes os males que causavam as doenças das mulheres. Com base nesta tendência das mulheres aos distúrbios devido a sua natureza instável, que se justificará a grande atenção que o corpo feminino receberá desses cientistas. A vinculação da mulher a maternidade estará sempre presente particularmente quando o modelo de higienização se fizer vigente no ideal médico nacional (SCHWARCZ 1993, ROHDEN 2001), uma mãe saudável geraria e criaria filhos saudáveis para a nação. Conseqüentemente a saúde da mulher está ligada a fatores que não envolvem só ela, mas a todos que dependem diretamente e indiretamente dela, a saúde da mulher também é a saúde da família, portanto, de toda a nação. Portanto, devido a sua condição biológica naturalmente patológica criando perigos que ultrapassam o bem estar pessoal, mas que podem atingir todo o meio social, que o corpo feminino será espaço de teorizações e intervenções que ajudem a controlar seu mal.

Importante destacarmos que, tendo a medicina garantido todo esse lugar de poder privilegiado dentro das sociedades ocidentais a partir do século XIX, observamos que o esperado das mulheres pela sociedade está amplamente associado com o que este saber espera, ou seja, o conhecimento médico orientará e construirá determinados tipos de feminilidades ideais. Quando não os cria, esse saber servirá como uma nova base para apoiar tipos ideais de mulher já idealizados, mas que

agora terão como validade o discurso médico-científico-farmacêutico como suas bases principais. Desta forma, pensar a construção discursiva do corpo feminino dentro dos almanaques possibilita captar o lugar pensando para tal corpo dentro da sociedade moderna.

O corpo feminino nos almanaques:

O medicamento A Saude da Mulher tinha por objetivo controlar todas as patologias do corpo feminino. Como tais patologias se manifestavam de diferentes formas com o decorrer da vida feminina as propagandas geralmente o recomendavam para toda a vida, “tutelando” – palavras do almanaque- a vida dessas mulheres e protegendo-as, assim como a todos que a cercavam de suas doenças naturais, como mostra a imagem:



(Almanach d' A Saude da mulher 1931)

Visivelmente vemos na imagem representadas todas as fases da vida feminina, a mulher que tem sua vida representada na imagem está sempre feliz e sorridente e o motivo é um só: o remédio A Saude da Mulher que a possibilitou viver tranquilamente e desempenhar perfeitamente o seu lugar social. Um detalhe importante da imagem e que não deve ser passado despercebido é o caráter central que a maternidade desempenha na vida das mulheres. Centralizada e entronada é a mulher que tem na maternidade sua função principal dentro da sociedade.

Como bem nos mostrou Foucault (1982) o corpo adquire, nas sociedades burguesas e industriais, um papel fundamental no exercício do



poder, desde o fim da monarquia e com a ausência do corpo rei enquanto personificação do poder, o autor nos aponta como um novo corpo vem tomar este lugar fundamental dentro da civilização é este o corpo social como aponta o Foucault:

É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar de rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, e a exclusão dos “degenerados” (FOUCAULT, 1982, pg.145)

Visto por esta perspectiva de proteção do corpo social, o cuidado com a saúde, sobretudo feminina, aparece enquanto fundamental principalmente com a sua relação direta com a reprodução e o cuidado com uma geração de indivíduos saudáveis para a sociedade. Desta forma, a mulher aparece dentro do discurso médico científico principalmente enquanto mãe, sendo esta a sua função social primeira. (STEPAN, 2005):

Aos 20, aos 25, aos 35 annos as Doenças que tanto desencantam a mocidade (como Suspensões, Flores-Branças, Regras Excessivas, Regras Dolorosas) tem na “Saude da Mulher” o Remedio prompto e efficaz que assegura ás moças a saude do corpo como o engaste a sua belleza e o vigor do Utero indispensável para a robustez dos filhos. (ALMANACH D’A SAUDE DA MULHER, 1931)

No almanaque além de estarem presentes seus inúmeros “males naturais” também encontramos dentro dos periódicos a frequente necessidade de cura desses males para que as mulheres possam desempenhar livremente seus papeis dentro da sociedade delegados pela natureza, natureza esta, diga-se de passagem, que também as delegou suas doenças severas. Em duas passagens dos periódicos podemos encontrar esta contradição:

Temos em nós, é verdade, na delicadeza de nosso útero e nas complicações de nossos ovários uma fonte perigosa de molestias que, se não forem evitadas, nos poderão consumir. Mas temos em compensação n’ A Saude da Mulher, o neutralizador de injustiças da natureza. Com seu uso não teremos dias a descontar por causa dos periodos conhecidos do nosso sexo. As injustiças corrigem-se. (ALMANACH D’A SAUDE DA MULHER, 1933)

Como mostra nessa passagem, as patologias do corpo feminino são frequentemente evocados enquanto um mal constante que deve ser aliviado e evitado, enquanto que o remédio A saúde da Mulher aparece como o meio principal para conseguir aliviar tais doenças. O que chama atenção nesta passagem é a pessoa quem fala, assim como em outros momentos do almanaque são as próprias mulheres que se colocam enquanto potencialmente doentes indo de acordo com o saber médico do período.

Frequentemente, o remédio a saúde da mulher é

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

passado de mãe para filha dentro do almanaque como um segredo que é fundamental para uma vida melhor.

Outra citação importante para levarmos em conta:

O destino da mulher é enfeitar, alegrar e multiplicar a vida sobre a terra, e a saúde é a base em que repousa a possibilidade da mulher cumprir o seu lindo destino. (ALMANACH D'A SAUDE DA MULHER, 1931)

Tendo seu destino já traçado, sobretudo o de “multiplicar” a vida sobre a terra, cabe ao corpo feminino aceitar seu lugar social e cumpri-lo da melhor maneira possível. Nesse sentido, a saúde aparece como aspecto fundamental para o cumprimento desse destino já traçado.

A partir disso, como é mostrado em ambos os trechos acima, é necessário burlar a natureza para cumprir os lugares sociais delegados pela mesma, contradição muito encontrada dentro dos periódicos, mas que não é visto como um impasse. Natureza enquanto definidor de lugares sociais significativos e também como definidor de males, entretanto, as patologias femininas podem ser modificadas cientificamente, quanto à modificação do lugar social, este não é falado.

O corpo feminino aparece sempre em constante relação com três eixos principais o casamento, a família e a maternidade, é nessa constante relação que este corpo ganha forma e é pensando no almanaque. É a saúde feminina pensada também como mantedora da felicidade da família, sua estrutura principal depende da mãe e, conseqüentemente o meio na qual a família mantêm-se enquanto unidade. A partir da imagem compreendemos tal relação de dependência da família em relação à saúde da mulher que a compõe :



(ALMANACH D'A SAUDE DA MULHER, 1936)

O casamento aparece também como instituição mantida e garantida pela mulher e está relacionado com um dos aspectos mais aparentes do corpo feminino: a beleza. Há uma tensão constante nos periódicos, a questão do corpo belo e saudável, contrário ao corpo feio e doente. Vera casa nova explora essa relação, segundo a autora nas imagens do almanaque aparecem belas mulheres que automaticamente são saudáveis e felizes:

Beleza e alegria de viver são difundidos como padrão e contrastam com a falta de saúde, que o almanaque mostra em seu interior. Estruturalmente organizada pela antítese, pelo jogo de oposições, as imagens da capa e da contracapa se articulam em oposições para reforçar a falta e a carência do que é proposto como ideal: Saúde e seus correlatos (Beleza, Alegria, Felicidade). (CASA NOVA, 1996, pg. 75).

A partir da beleza e de sua consequente felicidade, assegura-se a felicidade na vida amorosa, tal aspecto não se resume as solteiras, sendo responsabilidade feminina a manutenção de um casamento feliz, a beleza, nesse sentido, é fundamental para que o marido mantenha o interesse no casamento.

Considerações finais:

Através da análise dos almanaques percebemos que são construídos no interior dos mesmos noções de feminilidade mostradas como naturais e a-históricas, criando em torno dos corpos femininos identidades construídas, mas que adquirem caráter fixos e imutáveis, conforme coloca Judith Butler:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas, significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



estratégica que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2015, pg. 244).

Desse modo, é primordial pensarmos a construção dos corpos femininos e a busca pela fixação destas identidades tanto nos almanaques como em outros arquivos a partir de sua relação com fatores históricos, sociais e políticos que visavam gerir tais corpos seja para proteger o corpo social, a família, a moral ou todos esses fatores juntos. Como aponta Rohden (2001), a maternidade ainda será um fator fundamental enquanto dever feminino para a sociedade. Mesmo que a mulher da década de 1930 já seja considerada cidadã, já trabalhe, não tenha mais apenas o âmbito privado como o único meio que possa circular, o saber científico continua colaborando na manutenção de um status “feminino” dentro da sociedade que tem como a fragilidade, a necessidade de manutenção do casamento e da família, como as principais características femininas. Devemos levar em conta que o que consta nos almanaques não devem ser encarado como a única visão de mulher do período, muito menos como algum tipo ideal de feminilidade que fosse seguido exatamente como consta no periódicos, haviam outros veículos de informação que concebiam a feminilidade, a partir de outros olhares.

Assim, buscamos contribuir para as pesquisas historiográficas tendo como fonte este tipo de periódico, ainda pouco trabalhado no país, mas que se mostra como uma pista para percebermos como a beleza e a saúde da mulher eram associadas e utilizadas como demarcadores dos lugares de gênero. socialmente atribuídos e legitimados pelo saber médico/científico.

Referências:

BUENO, Eduardo. *Vendendo saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil*. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. 160 p. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

BARROS, José D' Assunção. A teoria e a formação do historiador. In: _____. *Teoria da História*. 5º. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. cap. 1, p. 17-84. v. 1.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 287 p.



COPRECIS

CONGRESSO NACIONAL DE

PRÁTICAS EDUCATIVAS

CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. 1ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1996. 157 p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. 24º. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 74 p.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade : a vontade de saber*. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 174 p.

FOUCAULT, Michel . Poder-Corpo. In:_____. *Microfísica do Poder*. 3º. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. cap. IX, p. 145-165.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 58 p.

HALL, Stuart. O papel da Representação. In:_____. *Cultura e Representação* . 1ª. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio : Apicuri, 2016. cap. I, p. 31-113.

STEPAN, Nancy Leys. "*A hora da eugenia*": raça, gênero e nação na América Latina. 20º. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 228 p

PARK, Margarath Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. 1998. 192 p. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas:SP, 1998. Disponível

em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000134324>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

PERROT, Michele. Michel Foucault e a história das mulheres. In_____ *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. P.489- 503.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 245 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz . *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870- 1930*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 373 p.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *Almanaques: História, contribuições e esquecimentos*. Dialogus. 2008; V.4: 8 p. Disponível em: <https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanaques_historia_contribuicoes_esquecimento_2008.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br